

## IV. ENSAIOS

### UMA DÁDIVA DO NILO? MUDANÇAS CLIMÁTICAS, AS ORIGENS DA CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA E SUAS INTERAÇÕES NO NORDESTE AFRICANO

*Stuart Tyson Smith*<sup>1</sup>

*Tradução de Rennan Lemos*<sup>2</sup>

#### RESUMO

Os pesquisadores de hoje se deparam, basicamente, com a mesma paisagem que Heródoto testemunhou no Egito e no norte do Sudão, uma estreita faixa verde alimentada pelo Nilo e rodeada pelo absoluto deserto. Essa ecologia peculiar continua desempenhando um papel central em modelos interpretativos acerca das origens do Estado egípcio antigo que diminuem as conexões africanas daquela sociedade. Da década de 1930 até os dias de hoje, porém, um grupo de exploradores do deserto e arqueólogos vêm documentando que, desde o período neolítico, grande parte do Saara tratava-se vasta campina com lagos sazonais e, possivelmente, permanentes. Este artigo discute dados produzidos por pesquisas recentes, incluindo a UCSB Dongola Reach Expedition e o UCSB-ASU Fourth Cataract Project. Essas pesquisas apontam para a existência de relações entre as culturas nilóticas do Alto Egito, o Saara e a Núbia sudanesa, demonstrando como essas interações, em combinação com mudanças climáticas resultando na dessecação do Saara, contribuíram para o rápido aparecimento do Estado egípcio, que continuaria mantendo fortes conexões em todo o nordeste africano.

---

<sup>1</sup> Professor Titular no Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia, Santa Bárbara (UCSB).

<sup>2</sup> Este artigo foi originalmente publicado no *Festschrift* de László Török, organizado por Bács, Bollók e Vida e publicado pela Academia Húngara de Ciências (2018). A presente versão em português foi preparada por Rennan Lemos com a permissão do autor, dos editores e da editora e revisada por Fábio Frizzo e Maria Thereza David João.

PALAVRAS-CHAVE

Egito; Nubia; África; Mudanças Climáticas; Conexões Interculturais;  
Intercâmbio; Saara; Hannek; Acádia; Ginefab.

## 1. Introdução

O historiador grego Heródoto, provavelmente utilizando-se de Hecateu de Mileto, escreveu a célebre passagem:

Parece-me também que falam acertadamente sobre o seu território, pois, mesmo para quem não tenha ouvido falar, ao vê-lo, se tiver alguma sagacidade, é evidente que o Egito para o qual os helenos navegam é uma terra ganha pelos egípcios, que é uma dádiva do rio, também o é o território mais acima desse lago, até atingir uma distância de três dias de navegação; a respeito do qual os sacerdotes não acrescentaram nenhuma informação diferente, eles diziam ainda que em nada diferiam um do outro. Pois a natureza desse território do Egito a seguinte: em primeiro lugar, quando se navegava do mar em sua direção, existia um corredor de um dia de navegação que se afastava do continente; se uma sonda marítima for lançada e suspendermos a lama, haverá nela onze braças; isso evidencia que essa quantidade de terra estava depositada em seu leito.<sup>3</sup>

Apesar de termos informações acerca de uma ecologia bastante diferente durante o período de formação do Egito, essa percepção do vale do Nilo como uma região distinta e isolada continua a desempenhar um papel central em modelos interpretativos das origens e da natureza do Estado egípcio, incluindo seu alegado isolamento em relação ao resto da África. Este artigo discute dados produzidos por pesquisas recentes, incluindo dados da UCSB Dongola Reach Expedition and UCSB ASU Fourth Cataract Expedition, que apontam para interconexões entre as culturas do Alto Nilo egípcio, o Saara e a Núbia sudanesa, demonstrando como essas interações, em conjunto com mudanças climáticas que resultaram em uma pontual porém gradual dissecação do Saara, contribuíram para a formação do Estado faraônico como uma civilização fundamentalmente africana.

---

<sup>3</sup> Nota do tradutor: Smith originalmente reproduziu esta passagem de Heródoto, *Histórias*, 2, 5 da tradução inglesa de Rawlinson e Blakeney (1964). Na presente versão em português, utilizamos a tradução para o português de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2016).

## 2. Uma Dádiva do Nilo ou do Deserto?

As palavras de Heródoto – ou melhor, originalmente de Hecateu – parecem ser tão válidas hoje quanto há 2400 anos. O fértil delta do Nilo, formado pela acumulação de lodo depositado pelo rio, ainda se projeta para o Mediterrâneo. Alongando-se em direção ao sul, faixas de cultivo tornadas possíveis pela inundação anual (e, hoje, por sistemas de irrigação) margeiam o Saara estéril e o montanhoso Deserto Oriental, criando um distintivo contraste entre deserto e rio (Figura 1).



Figura 1. Mapa mostrando a extensão das conexões e influências egípcias no nordeste da África, Ásia ocidental e Mediterrâneo oriental

Assim como J. Gwyn Griffiths (1996) destacou há cinquenta anos, tornou-se quase obrigatório referir-se à civilização egípcia antiga como "uma dádiva do Nilo", particularmente quando se descreve a sua geografia e meio ambiente. Essa estrutura conceitual influenciou alguns egiptólogos do início da disciplina, como James Breasted, que escreveu:

A paisagem deste vale contraído, que se estendeu antes do habitante do Nilo, era na antiguidade, como é hoje, um tanto monótona. Os fundos nivelados do Nilo, a dádiva do rio, revestidos de verde rico, fechados por ambos os lados pelas falésias amarelas, não são aliviados por nenhuma elevação ou por nenhuma floresta. As areias dos desertos desolados que ficam atrás das paredes da ravina, deslizam pelas falésias, e muitas vezes invadem os campos verdes para que se possa ficar com um pé na verdura do vale e o outro na areia do deserto. Dessa maneira, nitidamente definido era o mundo do egípcio: um vale profundo e estreito de fertilidade incomparável, serpenteando entre desertos sem vida, fornecendo um ambiente notável, não encontrado em nenhum outro lugar do mundo. Tal ambiente reagiu poderosamente sobre a mente e o pensamento do egípcio, condicionando e determinando sua ideia do mundo e sua noção dos misteriosos poderes que o governavam (Breasted, 1923, p. 10).

Mesmo em publicações mais recentes o contexto ecológico do Egito antigo é retratado de forma semelhante à acima. Van de Mieroop, por exemplo, disserta:

Onde estão as fronteiras do antigo Egito? Os falando de árabe hoje usam o mesmo nome para designar o país moderno que os povos do Antigo Oriente Próximo usavam nos milênios antes de Cristo, Misr... Nós podemos imaginar [as fronteiras do antigo Egito] se tomarmos como ponto de partida o que sempre foi a fonte da vida daquele país, o Nilo... Da primeira catarata em Assuan até o Mediterrâneo, o Nilo é a essência do Egito, hoje e no passado... Cercado pelo deserto e pelo mar, o Egito possui um grau de isolamento que muitos países não têm (Van De Mieroop, 2011, p. 3).

De maneira similar, Anđelković revive um certo modelo circunscrito que parte da mesma premissa, caracterizando o vale do Nilo efetivamente como um "longo tubo" cercado pelo deserto absoluto que não permitiu qualquer movimento ou interações significantes de leste a oeste (Anđelković, 2011). Caracterizar o Egito dessa maneira, como um país isolado, circunscrito ao curso do Nilo, implica uma série de consequências. A primeira e mais importante é que este modelo separa a civilização egípcia da África e conecta o surgimento e o desenvolvimento do Estado e da sociedade do Egito antigo ao mundo mediterrânico como parte de um complexo Oriente Próximo. Perspectivas como

esta continuam a ignorar as descobertas arqueológicas no Saara e na Núbia que propõem um panorama ecológico e de dinâmicas culturais distinto para a emergência do Estado faraônico.

### *3. Mudanças Climáticas e as Origens do Egito*

Cada vez mais, trabalhos arqueológicos no Saara, nos oásis, no Deserto Oriental e na Núbia sudanesa vêm contradizendo a perspectiva que assume um Egito isolado da África na antiguidade e circunscrito ao Nilo, especialmente durante o Neolítico, período que corresponde ao período formativo da civilização faraônica, mas também em períodos posteriores (Friedman, 2002). Os modelos isolacionistas ignoram ou encobrem a existência dos oásis (Figura 1), que são elementos proeminentes em narrativas clássicas e bem conhecidos pela documentação textual e arqueológica. Esses modelos também ignoram que, desde as décadas de 1920 e 1930, exploradores que cruzavam o Deserto Ocidental reconheceram que o Saara nem sempre foi o deserto absoluto que vemos hoje. Viajando por terra e ar, esses primeiros exploradores encontraram sítios arqueológicos e arte rupestre que apontam para uma ecologia bastante distinta no passado longínquo, um contraste dramático em relação às condições áridas extremas de hoje. Com base na distribuição de remanescentes arqueológicos e nos temas de pinturas rupestres como aquelas encontradas na Cavernas dos Nadadores em Gilf Kebir, László Almásy produziu um pioneiro e influente argumento a respeito da existência de uma fase úmida durante o Neolítico saariano (Almásy, 1940). Apesar de ter sido recebido com ceticismo, o modelo foi sustentado por pesquisas arqueológicas e reconstruções paleoclimáticas feitas por pesquisadores como Fred Wendorf e Romuald Schild, cujo trabalho em Nabta Playa e arredores transformou nossa percepção do Saara no período neolítico (Wendorf & Schild, 1998). Mais recentemente, as pesquisas arqueológicas e paleoclimáticas da equipe interdisciplinar liderada por Rudolf Kuper da Universidade de Colônia estabeleceu as bases para a reconstrução de longo prazo das mudanças climáticas no Saara, que incluíam chuvas de verão que assolavam o norte do Egito durante o Neolítico e produziam vastas campinas e lagos sazonais onde hoje existe um estéril deserto (Kuper & Kröpelin, 2006).

Com o fim da fase úmida e a gradual intensificação da aridez rumo ao sul entre 5300 e 3500 AEC, as populações do Saara se refugiaram na direção do Nilo em busca de uma fonte permanente de água. O desaparecimento de assentamentos no Egito fora dos oásis com o aparecimento do amplo deserto no Saara egípcio atingiu seu ápice durante o

Período Naqada, quando o Egito iniciou sua rápida trajetória em direção à emergência do Estado faraônico (Wendorf & Schild, 1998). O centro cerimonial pastoril em Nabta Playa foi ocupado até o final desse período e finalmente abandonado em cerca de 3200 AEC. Mesmo após esse processo, o Saara egípcio continuou sendo cruzado regularmente por caravanas de burros, muito provavelmente com a ajuda especializada de grupos nômades que ainda habitavam a região dos oásis. Nesse período, as chuvas ainda atingiam a Alta Núbia, no Sudão, onde os assentamentos saarianos ainda existiam, mas gradativamente movendo-se para o sul durante o terceiro e segundo milênios AEC. Refúgios como Gilf Kebir continuaram sendo ocupados até o final do Reino Antigo e teriam sustentado caravanas direcionadas ao sul e ao oeste. Assentamentos no Saara sudanês, como Uweinat, Laqiya e Wadi Howar poderiam ter oferecido suporte ao movimento de caravanas na região e, este último talvez tenha sido o destino de expedições comerciais vindas do Egito. Mesmo após a dessecação final, as rotas comerciais continuaram a existir no deserto absoluto do Saara.

O projeto ACACIA, liderado por Kuper, documentou o uso da rota de Abu Ballas, que transcorria do Oásis de Dakhla até Gilf Kebir e operava com base no estabelecimento e manutenção de depósitos de água em grandes recipientes, do Reino Antigo até o Período Greco-Romano. Caravanas de burros podem ter viajado em direção ao oeste, do Gil Kebir até o Oásis de Kufra, na Líbia, ou ao sul em direção à Uweinat, um oásis que oferecia uma fonte de água segura. As caravanas poderiam ainda ter viajado de Uweinat até as Montanhas de Ennedi ou mesmo tão ao sul quanto o Lago Chad e/ou Darfur e o Wadi Howar no oeste do Sudão (Kuper, 2001; Roe, 2005). Em teoria, a região de Darfur talvez possa ter sido alcançada através da rota que posteriormente seria denominada de Darb el-Arba'in, ou Caminho dos Quarenta Dias, que se estendia do Oásis de Kharga, passando por Selima e Laqiya. Essas rotas potencialmente deram aos egípcios acesso direto às savanas africanas e produtos como marfim, ébano, incenso e ao pigmeu que dança na narrativa de Harkhuf, datada do final do Reino Antigo (Figura 2) (Lichtheim, 1973).



*Figura 2. Harkhuf em sua tumba em Assuã*

Fonte: foto do autor

Mesmo que as secas tenham sido significantes no Neolítico tardio e no Pré-Dinástico, as interações entre o vale do Nilo e o Saara continuaram através dos oásis e de comunidades nômades pastoris em áreas adjacentes que ainda permaneciam suficientemente úmidas para serem habitáveis (Kröpelin & Kuper, 2006-2007). Riemer sugere que

as pessoas que ocupavam os oásis provavelmente eram as mesmas que partiam em direção ao deserto em períodos chuvosos. Essas pessoas constituíam um sistema difundido pelo deserto que formava a base dos elementos culturais que se distribuíram entre o deserto e o vale do Nilo (Rierner, 2008).

As condições ambientais modernas só chegaram ao Egito no final do terceiro milênio AEC, mil anos após a formação do Estado faraônico (Kuper 1989; Kröpelin & Kuper, 2006-2007). As mesmas condições ambientais não chegaram ao Sudão até mais ou menos 1200 AEC (Neuman, 1989; Kuper & Kröpelin, 2006-2007). Mesmo que o deserto tenha se tornado cada vez mais árido a partir do quinto milênio AEC, as ocupações dos oásis e de seus arredores permaneceram e a presença difundida de "Anéis de Clayton"<sup>4</sup> no Saara egípcio e sudanês sugere que esta rede de contatos continuou a existir do Pré-Dinástico até o Reino Antigo (Reimer *et al.*, 2008). Além disso, o processo de mudança climática foi gradual, com as chuvas de verão ainda assolando o Saara núbio (extremo sul do Egito e norte do Sudão). A contínua condição pluvial na região fez com que sítios desérticos, como Nabta Playa e Bir Kiseiba, continuassem a ser ocupados por todo o Pré-Dinástico, o que facilitou as interações de norte a sul e de leste a oeste. A ocupação do Gilf Kebir continuou até o final do Reino Antigo e Uweinat segue sendo uma fonte de água até os dias atuais (Figura 1).

#### 4. *O Complexo Pastoril do Nordeste Africano*

Os trabalhos discutidos anteriormente revolucionaram o nosso entendimento da região, contradizendo completamente a noção de que a civilização egípcia se desenvolveu em isolamento ao longo da estreita faixa verde às margens do Nilo e separada do restante do continente africano devido aos desertos estéreis que a circundavam. Na verdade, o fato de que o aumento das secas e da desertificação da região coincidirem com o final do Período Pré-Dinástico leva-nos a perguntar: como as mudanças climáticas na região podem ter contribuído para o surgimento do Estado faraônico no nordeste africano? Poucos estudiosos iniciais perceberam que o Egito estava conectado ao complexo pastoril

---

<sup>4</sup> Ou Clayton Rings: vasos de cerâmica cônicos abertos em ambas as extremidades que aparecem amplamente no Saara associados a viagens pelo deserto. Ver <https://artsandculture.google.com/asset/a-desert-enigma-clayton-rings/-QGps3wj7Ps5IA?hl=en>

no nordeste da África durante o Neolítico e o Pré-Dinástico (5500-3100 AEC), uma ideia que tem sido recentemente retomada à luz das novas pesquisas. O mais notável desses estudiosos foi Henri Frankfort que, em 1948, sustentara que para entender a realeza e a religião egípcias é preciso fazer uso da etnografia de "grupos que são os verdadeiros sobreviventes do substrato africano oriental, do qual a cultura egípcia emergiu" (Frankfort, 1948, p. 6, 16, 70, 165, 202). Frankfort caracterizou a realeza e a religião egípcias como fundamentalmente distintas daquelas do Oriente Próximo e fortemente conectadas ao complexo pastoril do nordeste africano que sobrevivera em grupos nilóticos modernos como os Dinka.

Mais recentemente, vários pesquisadores passaram a incluir as mudanças climáticas em modelos de migração e difusão para sugerir que a civilização egípcia se originou no deserto, movendo-se em direção ao Nilo conforme as mudanças climáticas empurravam as chuvas de verão e as pastagens do Sahel cada vez mais para o sul. Com base em dados provenientes de Nabta Playa e arredores, Wendorf e Schild sustentaram que as sociedades de pastoreio de gado dependentes das pastagens e lagos sazonais, que caracterizam a fase úmida da região, eram mais complexas do que seus contemporâneos que habitavam o vale do Nilo. Com a evasão gradual das chuvas de verão para o sul, esses grupos sofisticados provavelmente moveram-se em direção ao Nilo, dando efetivamente início à civilização egípcia numa migração pontuada resultante de mudanças climáticas (Wendorf & Schild, 1998). Michael Hoffmann percebeu uma coincidência semelhante em Hierakompolis após realizaer mapeamentos regionais, que revelaram a coalescência gradual de assentamentos do deserto ao vale do Nilo durante o quarto milênio AEC (Hoffmann *et al.*, 1986). Fekri Hassan sugere que os muitos elementos associados ao pastoreio de gado na religião e iconografia egípcias, em última análise, são provenientes do deserto no fim da fase úmida, incluindo Hathor, deusa em forma de vaca, associada à ideia de fertilidade e uma das divindades mais importantes no âmbito estatal e privado (Hassan, 1992). Kuper e Kröpelin propõem interpretação semelhante, com base em seu vasto mapeamento do Saara ocidental (Kuper & Kröpelin, 2006).

David Wengrow e seus colegas, entretanto, argumentaram recentemente que o clima não foi o principal motivo pelo qual a civilização egípcia acabou se desenvolvendo. Eles sugerem que o pastoreio de gado durante a fase úmida não produziu uma cultura do deserto que migrou para o Nilo. Ao contrário, eles observam que:

... o que acabava sendo compartilhado por toda essa extensa região eram os materiais e as práticas—incluindo, e talvez especialmente, modos de práticas rituais—a partir dos quais construíram-se contrastes locais e identidades de grupo. Talvez seja precisamente a manutenção de diferenças locais em um contexto social compartilhado o que tenha impulsionado o aparecimento dessas uniformidades geograficamente expansivas e, em seu meio, as variações internas observadas em grupos cerâmicos e outros marcadores tradicionais de "culturas" arqueológicas (Wengrow *et al.*, 2014, p. 107).

Inicialmente, Wengrow rejeitou a noção defendida por Frankfort a respeito de um substrato africano, destacando suas conexões com a já superada hipótese hamítica e o desacreditado conceito de "sobrevivências", cujas bases podem ser encontradas no trabalho de antropólogos como Seligman com os pastoralistas nilóticos (Wengrow, 2003). Entretanto, a passagem acima deixa claro que o autor mudou de ideia, defendendo as origens da civilização egípcia como parte de uma "comunidade pastoril primeva" que apareceu no nordeste africano no quinto milênio AEC (ou mesmo antes), o que de certa forma ecoa a ideia de substrato africano defendida por Frankfort e sua ênfase na importância simbólica do gado na iconografia e teologia egípcias, mas se afasta das armadilhas postas por modelos antigos e já ultrapassados, tal como o conceito de "sobrevivências". Tal como notam Wengrow e seus colegas,

ao traçarmos a distribuição espacial e temporal de práticas culturais relacionadas ao corpo—sua pele e cabelo; seus conteúdos e substâncias diversas; suas emissões e cavidades; e sua passagem da vida à morte—é que potencialmente tornam-se evidentes os primórdios de um contexto africano distinto para a pré-história tardia do vale do Nilo (Wengrow *et al.*, 2014, p. 96).

Mesmo que eles subestimem o papel das mudanças climáticas nas origens da civilização faraônica, não há dúvidas que o período pluvial saariano é o que tornou possível esse complexo pastoril africano mais amplo e o seu declínio foi o que estimulou o rápido aumento da complexidade no Egito em linhas africanas e não próximo-orientais.

Os mapeamentos e escavações conduzidos no âmbito dos projetos da UCLA e UCSB na terceira e quarta cataratas do Nilo produziram uma modesta contribuição a esse

panorama. Nós documentamos sítios neolíticos no curso do rio na quarta catarata, incluindo um importante assentamento permanente utilizado do quinto ao terceiro milênio AEC em Ginefab. Neste sítio, detectamos áreas estratificadas com buracos de poste, poços e fornos e, possivelmente, um bucraneum ritualmente depositado (Figura 3). Sítios dos períodos neolítico e Kerma inicial se estendiam até o Saara e o Deserto Núbio (Oriental) na terceira catarata na região de Hannek (Herbst & Smith, 2014; Herbst & Smith, 2008; Smith & Herbst, 2005; Smith, 2003a).

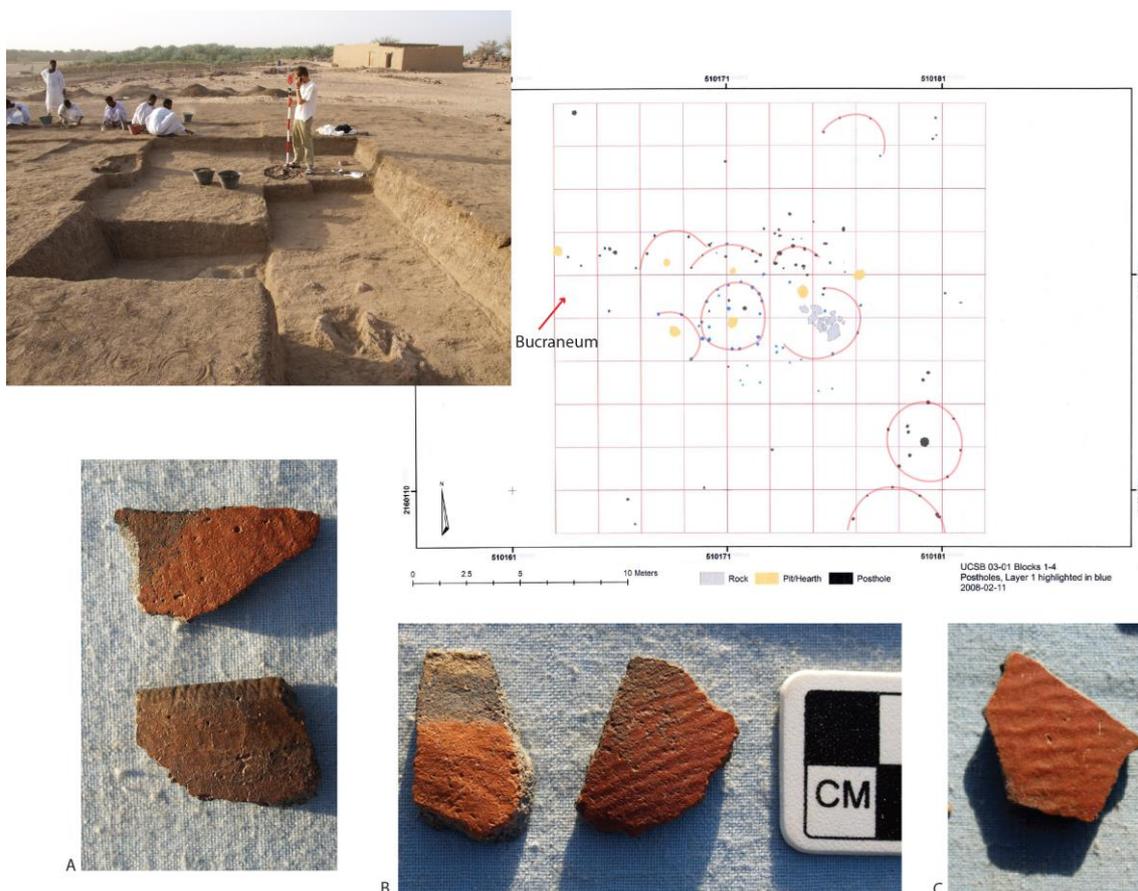


Figura 3. Remanescentes de estruturas de postes e fornos no assentamento neolítico de Ginefab, com exemplos de cerâmica de topo preto (A e B), polimento ondulado (A, B e C) e borda fresada (A), elementos que também aparecem no Egito.

Fonte: fotos do autor, planta baseada em original de Chris Sevara.

A cerâmica desses sítios inclui tipos muito difundidos, como *beakers* calciformes e também o uso de motivos decorativos que aparecem tanto no Pré-Dinástico egípcio quanto entre as tradições neolíticas núbias e no Grupo A, como as cerâmicas polidas de topo preto e corpo vermelho, bordas fresadas, impressões de pente, balancim e hachuras,

e a técnica muito específica de polimento ondulado (Williams, 2011). Cerâmicas polidas de topo preto e corpo vermelho primeiramente aparecem no oeste e no sul durante o sexto milênio AEC, somente ocorrendo no vale do Nilo conforme as chuvas moveram-se em direção ao sul durante o início do Pré-Dinástico ou Período Badariense. Manufaturadas sobre uma superfície marcada com balancim, as cerâmicas de polimento ondulado parecem ter se desenvolvido a partir dessa tradição, talvez numa ampla zona de interação que ia do Alto Egito, no norte, passando pelo oeste do Saara até a Núbia sudanesa, tão ao sul quanto Cartum (Riemer & Kindermann, 2008; Hassan, 1988).

Apesar de ser difícil determinar sua cronologia específica, as pinturas rupestres documentadas pelo nosso projeto na terceira e na quarta cataratas também nos permitem perceber um conjunto importante de interconexões no âmbito simbólico, que estão ligadas a este complexo mais amplo. Nessas representações, o gado é um motivo comum, podendo pertencer a períodos anteriores ou posteriores. Representações de fauna como girafas, rinocerontes e elefantes indicam a fase neolítica anterior à dessecação, que forçou esses animais a migrarem para o sul (Figura 4). Representações específicas descobertas pela nossa expedição na terceira catarata, como uma caçada de hipopótamo em Akkad ou um elefante representado sobre montanhas em Hannek, são muito semelhantes a representações dos períodos Pré-Dinástico tardio e Dinástico Inicial no Egito (Figuras 5 e 6). Uma representação de "elefante nas montanhas" similar à nossa aparece no colosso de Coptos, um dos primeiros monumentos religiosos do Egito, e pode significar uma forma inicial de nomear a região de Elefantina (Petrie & Hogarth, 1896, p. 8, pranchas III e IV). O mesmo tema foi recentemente detectado em Gebel Tjauti, ao longo uma rota pelo deserto nas redondezas de Tebas (Darnell & Darnell, 2002, prancha 17c). Mesmo que alguns dos elefantes sejam representados de forma bastante semelhante, as montanhas retilíneas e não arredondadas no nosso exemplo talvez estivessem ligadas a marcadores ao longo de rotas de comércio mais ou menos posteriores (cf. Kröpelin & Kuper, 2006-2007). O grafite da caçada do hipopótamo encontra paralelos no simbolismo pré-dinástico e, posteriormente, faraônico, ligado ao aniquilamento ritual do rei sobre as forças do caos apresentadas na forma animal do deus Seth, que matou Osíris e usurpou o trono, somente para ser derrotado por Hórus, personificado pelo rei em rituais até o fim da civilização egípcia. A iconografia do exemplo de Akkad é muito semelhante à de uma paleta pré-dinástica do período Naqada I, atualmente no Museu Egípcio de Estocolmo (Säve-Söderbergh, 1953, p. 18-19, Figura 8). Embora uma datação do período pré-dinástico seja provável, não podemos descartar uma datação posterior em vistas da longa duração e da

simplicidade desse tipo de motivo artístico. De todo modo, a descoberta desse motivo tão ao sul indica o seu papel compartilhado no amplo repertório simbólico do complexo cultural do nordeste africano.



*Figura 4.* Pinturas rupestres: A) bois sobre rinocerontes na quarta catarata; B) painel com gado e humanos no sítio de Akkad, na terceira catarata.

Fonte: fotos do autor

### 5. *O Egito como uma Civilização Africana*

Como eu espero ter demonstrado, a perspectiva, ainda muito arraigada na Egiptologia, de caracterizar o Egito como fortemente limitado por sua ecologia, tanto no seu período formativo quanto posteriormente, é baseada mais em observações modernas e preconceitos históricos do que em dados arqueológicos e paleoclimáticos reais. O resultado desta perspectiva foi a retirada do Egito de seu contexto nordestino africano e a construção da ideia de um Egito próximo-oriental ou mediterrânico. Consequentemente, o Egito nunca foi entendido como africano em suas esferas econômica, social e política. Na melhor das hipóteses, foi visto como uma encruzilhada que conectava o Oriente Próximo, o Mediterrâneo oriental e a África, o que, em última instância, implica aceitar que aquela região não faria realmente parte da África. Por exemplo, Van de Mieroop diz que:

...a sua relação com outros povos africanos não é óbvia, o que também é verdade quando se trata dos contatos do Egito com o resto da África. Mesmo que o antigo Egito estivesse claramente "na África", não era tão claramente 'da África'. As contribuições do Egito para outras culturas africanas são, na melhor das hipóteses, ambíguas e, em geral, as interações do Egito com regiões asiáticas eram mais próximas e mais evidentes (Van de Mieroop, 2011, p. 5).

Essa posição se baseia em tradicionais preconceitos egiptológicos a respeito das influências mútuas entre o Egito e o Oriente Próximo e suas culturas, privilegiando as interações do Egito com o norte ao mesmo tempo em que subestimam suas relações com outras partes da África. Por exemplo, os dois simpósios recentes "Egypt at its Origins" incluíram muito mais trabalhos e sessões focadas nas interações entre o norte do Egito e o Levante do que nas interações com culturas saarianas durante o Pré-Dinástico (Hendrickx & Adams, 2004; Mydant-Reynes *et al.*, 2008). A Núbia foi só mencionada brevemente, apesar das claras semelhanças na cultura material ao sul e o óbvio papel do Grupo A como uma organização política do mesmo nível, com um repertório simbólico compartilhado e um amplo comércio durante o período formativo de Naqada (Williams 1986; 2011; 2014).

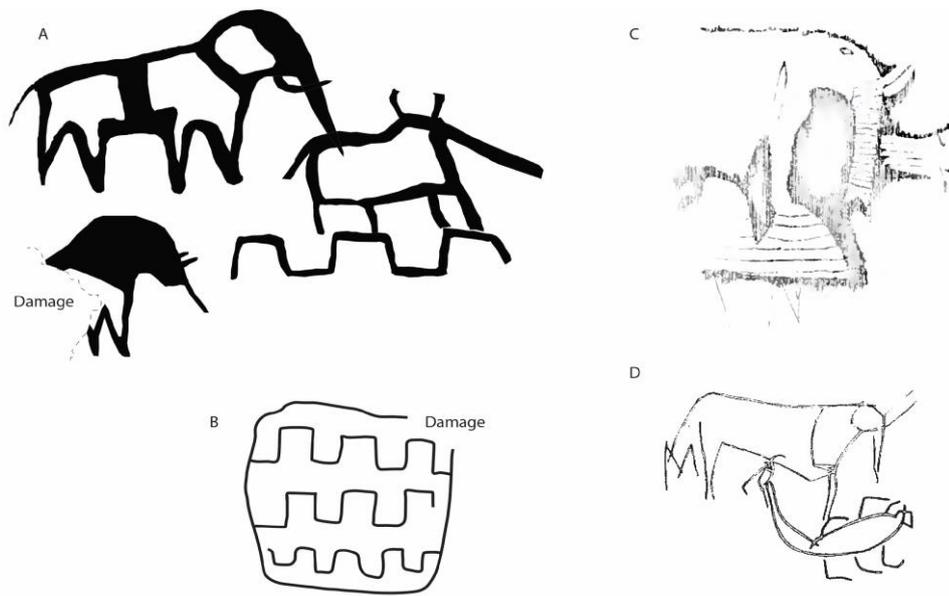


Figura 5. O tema do 'elefante na montanha':

A) em Hannek na terceira catarata (adaptado do desenho original de Bruce Williams); B) no colosso de Coptos (com base em Petrie e Hogarth 1896: prancha III); C) em grafite em Gebel Tjauti (com base em Darnell e Darnell 2002: prancha 17c); e D) motivo retangular em Galah el-Sheikh (Sdaptado de Kröpelin & Kuper, 2006–2007, Figura 11)

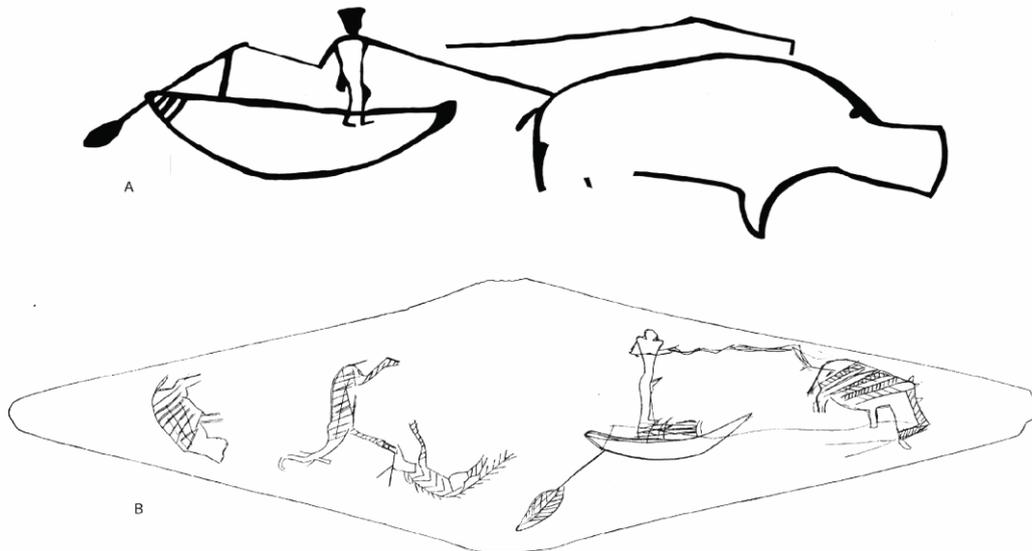


Figura 6. cena de caçada de hipopótamo do sítio de Akkad, na terceira catarata, encontrada próxima do painel com representações bovinas na figura 4B (adaptado do desenho original de Bruce Williams) e a cena de caçada de hipopótamo na paleta em Estocolmo (com base em Säve-Söderbergh 1953: figura 8)

Novamente, Frankfort foi extraordinário em sua rejeição inicial à influência do norte na emergência da civilização faraônica. Ao contrário da maioria dos egiptólogos (incluindo os de hoje), ele entendia a influência do Oriente Próximo na origem do Egito como fundamentalmente superficial e adaptável:

Nós observamos que o Egito, num período de intensificada criatividade, tornou-se familiarizado com os feitos da Mesopotâmia, os quais estimulou e cujos elementos que pareciam compatíveis com seus esforços adaptou ao seu próprio desenvolvimento rápido. Sobretudo transformou aquilo que tomou emprestado e, após certo tempo, rejeitou mesmo essas derivações modificadas (Frankfort, 1951, p. 84).

Por exemplo, enquanto a presença de serpopardos (leopardos ou leões com pescoço longo) na Paleta de Narmer indica um empréstimo da iconografia elamita, os símbolos egípcios e africanos na paleta foram muito mais duráveis, incluindo os elementos tomados do complexo pastoril, que se tornaram parte fundamental do repertório iconográfico faraônico, tal como a cauda do touro presa ao saiote do rei, a imagem híbrida da deusa bovina Bat e o touro que destrói as muralhas da cidade – talvez uma alusão inicial à metáfora do "touro forte" ligada ao rei (Figura 7).



Figura 7. A Paleta de Narmer

Fonte: domínio público

Se definirmos a extensão das conexões do Egito antigo e as principais rotas de comércio por toda a sua história dinástica, fica claro que não se sustenta a percepção egiptológica de uma civilização mais relacionada à Ásia ocidental e ao Mediterrâneo do que à África (Figura 1). Na verdade, o alcance do comércio e da diplomacia egípcios antigos é, grosso modo, comparável, em termos de extensão, em direção ao sudeste e ao nordeste, se este último não for maior. Poucos objetos egípcios foram encontrados no Egeu, mas itens de luxo semelhantes também foram achados na Etiópia e no Sudão, ao sul de Cartum, em sítios como Gebel Moya e Sennar (Phillips, 1997). De forma semelhante, são poucos os objetos egípcios – também itens de luxo – que foram encontrados no Levante, na Ásia ocidental. A influência egípcia esteve restrita a poucos sítios chave, como Biblos, Ugarit e Ebla e a objetos manufaturados em estilo internacional, o qual tomava diversos elementos da iconografia egípcia (Aruz, Benzel & Evans, 2009). O fenômeno da colonização era raro, circunstancial e confinado a uns poucos centros de controle, como Gaza e Beth Shean. Nós sabemos através de documentos textuais que o Estado egípcio mantinha relações diplomáticas e comerciais com regiões tão longínquas como a Babilônia e as civilizações minoica e micênica, mas o mesmo pode ser dito em relação a Punt, localizado nas atuais Eritreia ou Somália. Cerâmica micênica, minoica e levantina aparecem em grandes quantidades em vários períodos da história egípcia, mas, fora de sítios do delta do Nilo associados aos hicsos (especialmente Aváris), estavam restritas a recipientes de armazenamento que continham produtos valiosos, como óleos, incenso e vinho. Ao contrário, grandes quantidades de cerâmica núbica aparecem por todo o Egito em vários períodos, incluindo tanto cerâmicas finas, que podem ter usados como bens de troca, quanto cerâmicas domésticas e outros objetos. O mesmo ocorreu com práticas culturais associadas com a cultura Pan-Grave, o que indica a presença de pessoas que não estavam simplesmente visitando o Egito, mas sim tornaram-se emaranhadas com a cultura egípcia (Gatto, 2014a; Bourriau, 1991; Williams, 2014). A colonização no Reino Médio e no Reino Novo acarretou uma fortíssima influência egípcia na Núbia e uma complexa dinâmica de interações interculturais e influências mútuas, que contrasta com a presença colonial mais leve no Levante (Smith 2003b; Smith & Buzon, 2014; Buzon, Smith & Simonetti, 2016; Spencer, 2014).

De maneira semelhante, enquanto embarcações egípcias circulavam no Mediterrâneo oriental (que incluía entrepostos como Umm el-Rakham na costa norte africana), relatos de expedições comerciais, sítios arqueológicos e grafite no Saara

documentados por arqueólogos desde os anos 1920 demonstram que o comércio e a diplomacia egípcios não estavam confinados à costa, mas também penetravam profundamente o nordeste da África (Williams, 2014). Ellen Morris entende os oásis como ilhas no deserto, de forma semelhante às usadas na navegação no Mediterrâneo. Ela nota que ambos os contextos envolveriam um número relativamente pequeno de pessoas e implicariam um nível de dificuldade grande, assim como desafios logísticos que requereriam planejamento cuidadoso (Morris, 2011). O mesmo pode ser dito sobre a navegação costeira de cabotagem e sobre as rotas terrestres pelo Sinai até o Levante. Ainda que a Síria-Palestina não impusesse os mesmos tipos de dificuldades logísticas, viajar pela região ainda assim requereria contatos com diferentes portos/cidades para aprovisionamento e trocas, assim como conhecimento das rotas de norte a sul e de leste a oeste por terra e por água. Viajar pelo Nilo até a Núbia teria sido muito mais fácil por comparação. Apesar dos obstáculos impostos pelas cataratas, até muito recentemente, vastas frotas de barcos traziam tâmaras colhidas em Dongola, passando pela terceira, segunda e primeira cataratas, até o Egito todos os anos durante a cheia do Nilo (Gunn, 1929; Smith, 1976; Smith, 1995).

Apesar dos desafios logísticos, dados arqueológicos e epigráficos sugerem que expedições egípcias continuaram a viajar pelo Gilf Kebir, Uweinat e, potencialmente, pelo sul da Líbia, norte de Chad e/ou Darfur mesmo em períodos muito posteriores à chegada das condições climáticas modernas na região. Utilizando os oásis habitados como ponto de partida, toda uma cadeia de postos avançados e estações de abastecimento de água existiram durante o Reino Antigo, incluindo a extensão do sistema de wadis de el-Qaab a oeste da terceira catarata (Kröpelin & Kuper, 2006-2007). Tal como exposto anteriormente, mesmo o Gilf Kebir foi ocupado até o fim do Reino Antigo. A descoberta recente de um grafite do Reino Médio mencionando Yam em Uweinat, que fornece e uma fonte de água permanente para caravanas (Clayton, 2008), aumenta ainda mais o alcance da diplomacia e comércio egípcios durante o Reino Médio e final do Reino Antigo, tal como relatado por líderes de expedição que viviam em Assuã, como por exemplo Harkhuf (Lichtheim, 1973). É altamente improvável que qualquer um indo em direção à Núbia pelo Nilo tomasse uma rota tão à oeste (Williams, 2014). Além disso, uma rota desértica muito mais eficiente, o caminho de Elefantina, corria mais próxima ao Nilo e levava à Kerma, ao mesmo tempo em que evitaria problemas com os novos habitantes da Baixa Núbia ao viajar pela rota do deserto através dos oásis de Kurkur, Dunkul, Selima e Laqiya, talvez voltando para o Nilo a partir de Galah el-Sheikh pela rota norte-sul de Wadi el-

Qaab, um oásis que teria oferecido água e onde representações associadas a rotas desérticas do Reino Antigo foram encontrados, o que provavelmente indica uma parada no caminho (Kröpelin & Kuper, 2006-2007).

A existência da inscrição em Uweinat implica que a localidade/entidade política e parceira de troca, Yam, a qual O'Connor e outros egiptólogos sugerem localizar-se ao longo do Nilo, na Núbia, localizava-se, na verdade, no oeste da Líbia, Chad ou Darfur (O'Connor, 1986; contra Vercoutter, 1980; Arkell, 1961; Kröpelin & Kuper, 2006-2007; Davies, 2005; Cooper, 2012). Bruce Williams sugere que isto é totalmente coerente com relatos de Harkhuf, o líder expedicionário no final do Reino Antigo. Ele liderou pelo menos três expedições de sete a oito meses, viajando do Egito ao sudoeste, utilizando tanto rotas desérticas quanto nilóticas. Uma vez tomando a rota de Elefantina e chegando Yam, seja por Kerma ao sul do Wadi Howar ou diretamente através do oásis de Laqiya, às vezes explorando uma nova rota para Yam, talvez pela rota do Saara, e novamente pela rota dos oásis, muito provavelmente o caminho de Abu Ballas. Caso ele tenha viajado a sudoeste a parti de Dakhla, onde havia uma grande presença egípcia, para Gilf Kebir e Uweinat, ele poderia ter passado por Kufra, Ennedi ou Darfur, estabelecido relações diplomáticas e trocas, retornado a Kerma pelo Wadi Howar e, então, descido o Nilo, cruzando a Baixa Nubia até Elefantina. Este último percurso contando com a ajuda de um batedor de Kerma (Williams, 2014; Lichtheim, 1973).

Expedições egípcias continuaram a viajar pelo Gilf Kebir e Uweinat até o sul e o oeste do Reino Antigo em diante, muito posteriormente à instalação das modernas condições climáticas (Kröpelin & Kuper, 2006-2007; Förster, 2007; Clayton, 2008; Cooper 2012). Tal como mencionado anteriormente, um sistema semelhante de estações de abastecimento de água para caravanas de burros direcionadas a oeste ainda estava em operação no Período Greco-Romano, quase três mil anos após ter sido estabelecida ali. Se considerarmos toda a esfera de influências e relações comerciais egípcias antes do Período Greco-Romano, a influência do Egito no nordeste da África é indiscutivelmente maior e certamente não menor do que seu alcance no litoral do Mediterrâneo oriental e, mais amplamente, no oeste da Ásia. Uma viagem à Knossos tocando a costa mediterrânica cobriria mais ou menos 1300 km, mas, com aproximadamente 1500 km, a viagem à Punt pelo Mar Vermelho, saindo, no Reino Antigo, do porto de Wadi el-Jarf e, nos Reinos Médio e Novo, do porto de Mersa Gawasis, ultrapassaria ou igualaria aquela distância. De maneira similar, a jornada do delta do Nilo a Ebla era de 900 km, mais do que os

aproximadamente 600 km do Nilo a até Uweinat. Porém, se incluirmos a distância de Uweinat até Ennedi ou Darfur/Wadi Howar, a jornada aumentaria mais de 1000 km.<sup>5</sup>

O impacto do Egito e seu controle territorial sobre partes do nordeste africano também foram mais intensos e vastos. Em grande medida, os oásis integravam-se territorialmente ao Estado egípcio a partir do Reino Antigo, assim como a Núbia a partir dos Reinos Médio e Novo, uma área que supera em muito a ocupação mais efêmera do Levante, durante o Reino Novo, que nunca se estendeu além de Carquemis e foi, na melhor das hipóteses, tênue no Líbano e na Síria. A influência cultural e o impacto do Egito foi, sem sombra de dúvidas, mais forte na Núbia, mesmo que tenha sido adaptativa, tal como Lászlo Török persuasivamente defendeu (Török, 2008). Tal como mencionado anteriormente, objetos egípcios viajaram pelo menos até áreas tão distantes quanto Gebel Moya e Sennar, no Nilo Azul e no Nilo Branco, mas também até a Etiópia, em quantidades semelhantes às encontradas em áreas distantes ao norte, como o Egeu (Phillips, 1997). Ao contrário, os reinos de Napata e de Meróe adotaram um modelo faraônico de realeza, que adotou e integrou seletivamente tanto elementos do Egito do mesmo período, quanto aqueles introduzidos à Núbia durante o império do Reino Novo, como pirâmides, templos e cânones artísticos básicos (Smith, 1998; O'Connor, 1993; Török, 1995; Smith, 2013). Tal como Török defendeu, conceitos egípcios, estilos artísticos e cultura material foram integrados numa concepção de mundo núbia, mas essa transmissão de elementos para a civilização núbia não pode ser totalmente compreendida sem entendermos os elementos originais egípcios que os inspiraram (Török, 1997; 2008; 2009). O fato de que os núbios foram receptivos a tantos elementos culturais egípcios se deve, em parte, a sua longa história de interações e emaranhamentos, mas também talvez ao fato de que muitos desses elementos ressoavam a sua origem comum no contexto do complexo pastoril do nordeste da África – o "substrato africano" de Frankfort.

## 6. *Conclusões*

Wengrow e seus colegas corretamente defendem que modelos enfatizando mudanças climáticas, migrações e circunscrição como o motor principal da emergência da civilização faraônica são simplistas. Porém, a fase úmida saariana desempenhou um papel fundamental na origem de um complexo pastoril de criação de gado difundido no

---

<sup>5</sup> Estimativas aproximadas usando Google Earth.

nordeste africano, permitindo que interações de oeste a leste e de sul a norte florescessem. Essa dinâmica generalizada no nordeste africano produziu um conjunto de elementos culturais interrelacionados, a partir dos quais emergiu a civilização egípcia faraônica. Elementos semelhantes em modernas culturas nilóticas pastoris, como os Shilluk, os Dinka e os Nuer podem ser vistos não como "sobrevivências" ou coincidências, mas como tradições compartilhadas com uma origem comum no passado profundo. Secas periódicas e a gradual dessecação do deserto ainda podem ter desempenhado um papel fundamental na origem do Estado faraônico, não necessariamente pelo tipo de difusão direta e movimento populacional brusco sugerido por alguns pesquisadores, mas sim ao resultar em uma maior concentração populacional e foco no Nilo, o que talvez tenha contribuído para o surgimento do Estado com seus distintivos elementos africanos pastoris.

O movimento de pessoas para o vale do Nilo em razão do clima, durante um longo período a partir de 5300 AEC, ainda pode oferecer o tipo de dinâmica populacional que poderia ajudar a explicar o rápido desenvolvimento do Estado em comparação com o surgimento gradual da complexidade e do urbanismo na Mesopotâmia. Uma análise bayesiana recente de datas radiocarbônicas do Pré-Dinástico condensa ainda mais a cronologia daquele período, particularmente sua fase formativa do Período Naqada, de uma maneira que enfatiza ainda mais a transição rápida do Egito para o nível de organização estatal. Os autores defendem que esses resultados destacam o fato de que "apesar da proximidade geográfica, as sociedades pré-históricas na África e na Ásia seguiram trajetórias muito diferentes rumo à centralização política" (Dee *et al.*, 2013). Numa comparação anterior, Baines e Yoffee detalharam vários contrastes significativos na natureza dos Estados faraônico e mesopotâmico, particularmente a organização mais difusa do poder na Mesopotâmia e a forte e centralizada instituição da realeza divina no Egito (Baines & Yoffee, 2000). Yoffee ainda caracterizou a ascensão rápida do Egito a uma forma política unificada e bem integrada como uma exceção na histórias dos primeiros Estados, que eram mais tipicamente organizados como entidades de mesmo nível, sistemas de cidades-Estado que compartilhavam um conjunto comum de instituições, como no caso da Mesopotâmia e do Egeu (Yoffee, 2005). O complexo pastoril do nordeste africano, de onde emergiu a civilização egípcia, provavelmente desempenhou um papel crucial na trajetória única do Egito, particularmente na emergência da realeza faraônica. O Egito compartilha outros elementos que são amplamente presentes no nordeste africano, mas não na Ásia ocidental, incluindo a natureza da prática ritual e outros elementos culturais como o uso de descansos de cabeça

(Celenko, 1996), a cauda de touro como símbolo da realeza e o uso de um pênis de touro seco em correspondência com o cetro *was* egípcio, como símbolo de poder (Schwabe & Gordon, 1988), o legado das raízes culturais compartilhadas durante um período de pastoralismo de alta mobilidade, que caracterizou a fase úmida saariana.

As interconexões que o Egito estabeleceu na África durante a fase pluvial não se encerraram quando as chuvas moveram-se ao sul. O Egito nunca esteve realmente isolado ao longo do Nilo. É importante reconhecer que o deserto não foi esvaziado; muitas pessoas continuaram a viver nos oásis e em outras áreas habitáveis no Saara e no Deserto Oriental/Núbia. Essas pessoas continuaram a possibilitar o movimento e o comércio, em alguns casos até o fim da civilização faraônica, quando condições super-áridas prevaleceram. Os próprios egípcios compensaram a falta de postos naturais de abastecimento de água com o estabelecimento de rotas para caravanas de burros partindo dos oásis, atravessando o Saara e potencialmente atingindo partes da Líbia e provavelmente Chad e/ou Darfur. Em paralelo às rotas comerciais mediterrâneas, as embarcações egípcias navegavam distâncias muito maiores no curso do Mar Vermelho até Punt, no Chifre da África, região que também poderia ser alcançada por terra pela Baixa Núbia, através da rota de Korosko e do delta do Gash, áreas habitadas por toda a história faraônica. De forma similar, tanto as rotas do deserto quanto as nilóticas solidificaram os emaranhamentos intensos entre o Egito e a civilização núbia – uma relação muito mais íntima do que as interações entre o Egito e o Levante. Certamente, o Egito se relacionava com o Oriente Próximo, mas eu sugeriria que esteve incrustado culturalmente de maneira mais profunda na África. Mesmo quando o deserto secou e os assentamentos se aglutinaram ao longo do Nilo, o Egito manteve interconexões e redes culturais e comerciais com a Núbia e outras partes da África, por meio de sua capacidade de atravessar extensões surpreendentemente vastas de deserto, apesar das mudanças climáticas de longo prazo.

## **AGRADECIMENTOS**

As pesquisas e escavações na quarta catarata foram financiadas pela National Science Foundation (BCE-0647053) e pelo Packard Humanities Institute (07-1391, 07-1424 e 08-1472). Brenda Baker da Arizona State University co-dirigiu o projeto e George Herbst da UCSB supervisionou a escavação em Ginefab. O trabalho na terceira catarata em Hannek e Akkad foi financiado pela National Geographic Society e por meio de doações privadas, em particular a de James e da falecida Louise Bradbury. Agradeço a Hassan Idris e Abdelrahman Mohamed Ali, ex-diretores da National Corporation for Antiquities and Museums (NCAM) do Sudão e a El-Hassan Mohamed Ahmed, então diretor de escavações da NCAM e colaborador de pesquisa de longa data. Também gostaria de reconhecer as contribuições e o apoio ao trabalho na terceira catarata de Julie Anderson (British Museum), Bruce Williams (Oriental Institute, University of Chicago), David Edwards (University of Leicester) e Ali Osman M. Salih (University of Khartoum).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almásy, László (1940). *Unbekannte Sahara: mit flugzeug und auto in der Libyschen wüste*. 2. aufl. ed. Leipzig, F.A. Brockhaus.
- Anđelković, Bransislav (2011). "3. Political Organizaiton of Egypt in the Predynastic Period." In *Before the pyramids: the origins of Egyptian civilization*, edited by Emily Teeter, p. 25-32. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago.
- Arkell, Anthony John (1961). *A history of the Sudan: from the earliest times to 1821* [2d ed. London: University of London, Athlone Press.
- Aruz, Joan, Kim Benze & Jean M. Evans (2009). *Beyond Babylon: art, trade, and diplomacy in the second millennium B.C.* New York, New Haven, Conn.: The Metropolitan Museum of Art and Yale University Press.
- Baines, John, and Norman Yoffee (2000). "Order, Legitimacy, and Wealth: Setting the Terms". In *Order, Legitimacy, and Wealth in Ancient States*, edited by Janet E. Richards and Mary Van Buren, p. 13-17. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bourriau, Janine (1991). "Relations between Egypt and Kerma During the Middle and New Kingdoms". In *Egypt and Africa*, edited by W. Vivian Davies, p. 129-144. London: British Museum Press.
- Breasted, James Henry (1923). *A history of Egypt, from the earliest times to the Persian conquest*. 2d ed. New York: C. Scribner's sons.
- Buzon, Michele R., Stuart Tyson Smith & Antonio Simonetti (2016). "Entanglement and the Formation of the Ancient Nubian Napatan State". *American Anthropologist* 118 (2), p. 284-300. DOI: 10.1111/aman.12524.
- Celenko, Theodore (Ed.) (1996). *Egypt in Africa*. 1st ed. Indianapolis, Ind.: Indianapolis Museum of Art in cooperation with Indiana University Press.
- Clayton, Joseph (2008). "A hieroglyphic inscription found at Jebel Uweinat mentioning Yam and Tekhebet". *Sahara*, 19, p. 129-134.
- Cooper, Julien (2012). "Reconsidering the Location of Yam". *Journal of the American Research Center in Egypt*, 48, p. 1-21.
- Darnell, John Coleman & Deborah Darnell (2002). *Theban desert road survey in the Egyptian western desert*. Oriental Institute publications. Chicago: The Oriental Institute of the University of Chicago.
- Davies, W. Vivian (2005). "Egypt and Nubia: Conflict with the Kingdom of Kush". In *Hatshepsut: From Queen to Pharaoh*, edited by Catharine H. Roehrig, p. 49-59. New Haven: Yale University Press.

- Dee, Michael, David Wengrow, Andrew Shortland, Alice Stevenson, Fiona Brock, Linus Girdland Flink & Christopher Bronk Ramsey (2013). *An absolute chronology for early Egypt using radiocarbon dating and Bayesian statistical modelling*. Proceedings of the Royal Society A 469 (2159). Accessed 2013-11-08. DOI:10.1098/rspa.2013.0395.
- Förster, Frank (2007). "With donkeys, jars and water bags into the Libyan Desert: the Abu Ballas Trail in the late Old Kingdom/First Intermediate Period". *British Museum Studies in Ancient Egypt and Sudan*, 7, p. 1-36.
- Frankfort, Henri (1948). *Kingship and the gods, a study of ancient Near Eastern religion as the integration of society & nature*. Oriental Institute essay. Chicago: University of Chicago Press.
- Frankfort, Henri (1951). *The birth of civilization in the Near East*. Bloomington: Indiana University Press.
- Friedman, Renée (2002). "Forward". In *Egypt and Nubia. Gifts of the Desert*. Edited by Renée Friedman, p. 133-155. London: British Museum Press.
- Gatto, Maria Carmela (2014a). "Cultural Entanglement at the Dwan of the Egyptian History: A View from the Nile First Cataract Region". *Origini XXXVI*, p. 93-124.
- Gatto, Maria Carmela (2014b). "Peripatetic Nomads Along the Nile: Unfolding the Nubian Pan-Grave Culture of the Second Intermediate Period". *Journal of Ancient Egyptian Interconnections* 6 (1), p. 11-28. DOI:10.2458/azu\_jaei\_v06i1\_gatto.
- Griffiths, J. Gwyn (1966). "Hecataeus and Herodotus on "A Gift of the River". *Journal of Near Eastern Studies* 25 (1), p. 57-61.
- Gunn, Battiscombe (1929). "A Middle Kingdom Stela from Edfu". *Annales du Service des Antiquités de l'Égypte* 29, p. 5-14.
- Hassan, Fekri A. (1988). "The Predynastic of Egypt". *Journal of World Prehistory* 2 (2), p. 136-185.
- Hassan, Fekri A. (1992). "Primeval Goddess to Divine King: The Mythogenesis of Power in the Early Egyptian State". In *The Followers of Horus: Studies Dedicated to Michael Allen Hoffman 1944-1990*, edited by Renée Friedman and Barbara Adams. Oxford: Oxbow.
- Hendrickx, Stan & Barbara Adams (2004). *Egypt at its origins: studies in memory of Barbara Adams: proceedings of the international conference "Origin of the State, Predynastic and Early Dynastic Egypt"*. Krakow, 28 August - 1st September 2002, Orientalia Lovaniensia analecta. Leuven: Peeters en Departement Oosterse Studies.

- Herbst, George Arthur & Stuart Tyson Smith (2008). "Neolithic through Kerma settlement at Ginefab". In *Cahier de recherches de l'Institut de papyrologie et égyptologie de Lille*. Supplément 7. Actes de la 4e Conférence Internationale sur l'Archéologie de la 4e Cataracte du Nil, Villeneuve d'Asq, 22-23 juin 2007, edited by Brigitte Gratien, 203-216. Lille: Université Chalres-de-Gaulle Lille 3.
- Herbst, George Arthur & Stuart Tyson Smith (2014). "Pre-Kerma Transition at the Nile Fourth Cataract: First Assessments of a Multi-component, Stratified Prehistoric Settlement in the UCSB/ASU Salvage Concession." In *Proceedings of the 12th International Conference for Nubian Studies*, edited by Derek A. Welsby and Julie Anderson. Leuven: Peeters.
- Hoffman, Michael Allen, Hany A. Hamrrouch & Ralph O. Allen (1986). "A Model of Urban Development for the Hierakonpolis Region from Predynastic through Old Kingdom Times". *Journal of the American Research Center in Egypt*, 23, p. 175-187. DOI: 10.2307/40001098.
- Kröpelin, Stefan & Rudolph kuper (2006-2007). "More Corridors to Africa". *Cahier de recherches de l'Institut de papyrologie et Égyptologie de Lille*, 26, p. 219-29.
- Kuper, Rudolph (Ed.) (1989). *Forschungen zur Umweltgeschichte der Ostsahara, Africa praehistorica 2*. Köln: Heinrich-Barth-Institut.
- Kuper, Rudolph (2001). "By donkey train to Kufra? How Mr Meri went west". *Antiquity*, 75 (290), p. 801-802.
- Kuper, Rudolph & Stefan Kröpelin (2006). "Climate-controlled Holocene occupation in the Sahara: motor of Africa's evolution". *Science* (New York, N.Y.), 313 (5788), p. 803-7.
- Lichtheim, Miriam (1973). *Ancient Egyptian Literature; a Book of Readings, vol. I: The Old and Middle Kingdoms*. Berkeley: University of California Press.
- Midant-Reynes, Béatrix, Yann Tristant, J. Rowland & Stan Hendrickx (2008). *Egypt at its origins 2: proceedings of the international conference "Origin of the State, Predynastic and Early Dynastic Egypt"*. Toulouse (France), 5th-8th September 2005, *Orientalia Lovaniensia analecta*. Leuven; Dudley, MA: Peeters.
- Morris, Ellen F. (2011). "Insularity and Island Identity in the Oases bordering Egypt's Great Sand Sea." In *Thebes and Beyond, Studies in Honor of Kent R. Weeks*, edited by Zahi A. Hawass and Salima Ikram, 127-144. Cairo: American University in Cairo Press.
- Neumann, K. 1989. "Holocene Vegetation in the Eastern Sahara: Charcoal from Prehistoric Sites." *The African Archaeological Review*, 7, p. 97-116.
- O'Connor, D. (1986). "The Locations of Yam and Kush and Their Historical Implications". *Journal of the American Research Center in Egypt*, p.26-50.

- O'Connor, D. (1993). *Ancient Nubia: Egypt's Rival in Africa*. Philadelphia: University Museum, University of Pennsylvania.
- Petrie, W. M. Flinders & D. G. Hogarth (1896). *Koptos*. London, B. Quaritch.
- Phillips, Jacke (1997). "Punt and Aksum: Egypt and the Horn of Africa". *Journal of African History*, 38, p. 423-457.
- Rawlinson, George & Edward Henry Blakeney (1964). *The histories of Herodotus*, *Everyman's library*, no. 405-406. London, New York: Dent; Dutton.
- Riemer, Heiko (2008). "Interactions between the desert and the Nile valley. Introduction". In *Egypt at its Origins 2. Proceedings of the International Conference "Origins of the State. Predynastic and Early Dynastic Egypt"*. Toulouse (France), 5th-8th September 2005, edited by Béatrix Midant-Reynes and Yann Tristant, p. 565-568. Leuven: Peeters.
- Riemer, Heiko & Karin Kindermann (2008). "Contacts between the Oasis and the Nile: A Résumé of the Abu Mhariq Plateau Survey 1995-2002". In *Egypt at its Origins 2. Proceedings of the International Conference "Origins of the State. Predynastic and Early Dynastic Egypt"*. Toulouse (France), 5th-8th September 2005, edited by Béatrix Midant-Reynes and Yann Tristant, p. 607-633. Leuven: Peeters.
- Riemer, Heiko, Nadia Pollath, Stephanie Nussbaum, Ines Teubner & Hubert Berke (2008). "El Kharafish. A Sheikh Mufdtah Desert Camp Site between the Oases and the Nile". In *Egypt at its Origins 2. Proceedings of the International Conference "Origins of the State. Predynastic and Early Dynastic Egypt"*. Toulouse (France), 5th-8th September 2005, edited by Béatrix Midant-Reynes and Yann Tristant, p. 585-608. Leuven: Peeters.
- Roe, Alan (2005). "The Old "Darb al Arbein" Caravan Route and Kharga Oasis in Antiquity". *Journal of the American Research Center in Egypt*, 42, p. 119-129. DOI: 10.2307/27651804.
- Säve-Söderbergh, Torgny (1953). *On Egyptian representations of hippopotamus hunting as a religious motive*. Vol. Appelbergs Boktryckeri, Horae Soederblomianae. Uppsala.
- Schwabe, Calvin W. & Andrew H. Gordon (1988). "The Egyptian w3s-Scepter and its Modern Analogues: uses in Animal Husbandry, Agriculture, and Surveying." *Agricultural History*, 62 (1), p. 61-89.
- Silva, Maria Aparecida de Oliveira (Trad.) (2016). *Heródoto. Livro II – Euterpe*. São Paulo: Edipro.
- Smith, H. S. (1976). *The fortress of Buhen: the inscriptions, Excavation memoir*. London: Egypt Exploration Society.
- Smith, Stuart Tyson (1995). *Askut in Nubia: The Economics and Ideology of Egyptian Imperialism in the Second Millennium BC*. London: Kegan Paul.

- Smith, Stuart Tyson (1998). "Nubia and Egypt: Interaction, Acculturation, and Secondary State Formation from the Third to First Millennium B.C." In *Studies in Culture Contact: Interaction, Culture Change, and Archaeology*. Center for Archaeological Investigations Occasional Paper 25., edited by James G. Cusick, p. 256-287. Carbondale: Southern Illinois University.
- Smith, Stuart Tyson (2003a). "The UCLA Dongola Reach Expedition, 1997-98 West Bank Surveys". *Kush*, 18, p. 157-172.
- Smith, Stuart Tyson (2003b). *Wretched Kush: ethnic identities and boundaries in Egypt's Nubian empire*. London, New York: Routledge.
- Smith, Stuart Tyson (2013). "Revenge of the Kushites: Assimilation and resistance in Egypt's New Kingdom empire and Nubian ascendancy over Egypt". In *Empires and Complexity: On the Crossroads of Archaeology*, edited by Gregory Areshian, p. 84-106. Los Angeles: Cotsen Institute of Archaeology at UCLA.
- Smith, Stuart Tyson & Michele R. Buzon (2014). "Identity, commemoration and remembrance in colonial encounters: burials at Tombos during the Egyptian New Kingdom empire and its aftermath." In *Remembering and Commemorating the Dead: Recent Contributions in Bioarchaeology and Mortuary Analysis from the Ancient Near East*, edited by B Porter and A Boutin. Boulder: University Press of Colorado.
- Smith, Stuart Tyson & George Herbst (2005). "The UCSB West (Left) Bank Archaeological Survey from el-Kab to Mograti". In *Proceedings of the Archaeology of the Fourth Nile Cataract*, edited by Henryk Paner and Stefan Jakobielski, p. 133-144. Gdansk: Archaeological Museum.
- Spencer, Neal (2014). "Creating and Re-Shaping Egypt in Kush: Responses at Amara West". *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, 6 (1), p. 42-61. DOI:10.2458/azu\_jaei\_v06i1\_spencer.
- Török, László (1995). "The Emergence of the Kingdom of Kush and Her Myth of the State in the First Millennium BC". *Cahier de recherches de l'Institut de papyrologie et Égyptologie de Lille*, 17, p. 203-228.
- Török, László (1997). *The kingdom of Kush: handbook of the Napatan-Meroitic civilization, Handbuch der Orientalistik. Erste Abteilung, Nahe und der Mittlere Osten*. Leiden; New York: Brill.
- Török, László (2008). "From Chiefdom to "Segmentary State" in Meroitic Studies: A Personal View". In *Between the Cataracts: Proceedings of the 11th International Conference of Nubian Studies*, 27 August – 2 September 2006, edited by Włodzimierz Godlewski and Adam Lajtar, p. 149-178. Warsaw: Warsaw University.
- Török, László (2009). *Between two worlds: the frontier region between ancient Nubia and Egypt, 3700 BC-AD 500, Probleme der Ägyptologie*. Leiden: Brill.

- Van de Mieroop, Marc (2011). *A history of ancient Egypt, Blackwell history of the ancient world*. Chichester, West Sussex; Malden, MA: Wiley-Blackwell.
- Vercoutter, Jean (1980). "Le Pays Irem et la pénétration égyptienne en Afrique". In *Livre du Centenaire (1880-1980)*, edited by Jean Vercoutter, p. 157-178. Cairo: Institut français d'archéologie orientale.
- Wendorf, Fred & Romuald Schild. 1998. "Nabta Playa and its Role in Northeastern African Prehistory". *Journal of Anthropological Archaeology*, 17, p. 97-123.
- Wengrow, David (2003). "Landscapes of Knowledge, Idioms of Power: The African Foundations of Ancient Egyptian Civilization Reconsidered". In *Ancient Egypt in Africa, edited by David O'Connor and Andrew Reid*, p. 121-36. London: University College London.
- Wengrow, David, Michael Dee, Sarah Foster, Alice Stevenson & Christopher Bronk Ramsey (2014). "Cultural convergence in the Neolithic of the Nile Valley: a prehistoric perspective on Egypt's place in Africa". *Antiquity*, 88 (339), p. 95-111.
- Williams, Bruce B. (2011). "Relations between Egypt and Nubia in the Naqada Period". In *Before the pyramids: the origins of Egyptian civilization*, edited by Emily Teeter, p. 83-92. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago.
- Williams, Bruce B. (2014). "Some Geographical and Political Aspects to Relations between Egypt and Nubia in C-Group and Kerma Times, ca. 2500 – 1500 B.C." *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, 6 (1), p. 62-75.  
DOI:10.2458/azu\_jaei\_v06i1\_williams.
- Williams, Bruce B. (1986). *The A-Group Cemetery at Qustul: Cemetery L*. Chicago: University of Chicago Press.
- Yoffee, Norman (2005). *Myths of the archaic state: evolution of the earliest cities, states and civilizations*. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press.

**GIFT OF THE NILE?  
CLIMATE CHANGE, THE ORIGINS OF EGYPTIAN CIVILIZATION AND ITS  
INTERACTIONS WITHIN NORTHEAST AFRICA**

ABSTRACT

Scholars today see the same basic landscape as Herodotus did before them in Egypt and northern Sudan, a narrow strip of green fed by the Nile and surrounded by an absolute desert. This distinctive ecology continues to play a central role in models for the origins of the ancient Egyptian state that downplay ancient Egypt's broader African interconnections. From the 1930's through the present day, however, a group of deep desert explorers and archaeologists have documented that during the Neolithic period much of the Sahara was a vast grassland with seasonal and perhaps permanent lakes. This paper discusses evidence from recent research, including data from the UCSB Dongola Reach Expedition and UCSB-ASU Fourth Cataract Project, that points to interlinkages between the cultures of the Upper Egyptian Nile, the Sahara and Sudanese Nubia, demonstrating how interaction combined with climate change in the form of a gradual desiccation of the Sahara contributed to the rapid emergence of the Egyptian state while maintaining robust connections across northeast Africa.

KEYWORDS

Egypt, Nubia, Africa, Climate Change, Intercultural Interactions, Trade, Sahara, Hannek, Akkad, Ginefab.